

## Aproximações da Psicologia construcionista à arte do Palhaço

André Lemos de Souza

Paula Cristina Medeiros Rezende

### RESUMO

Apoiados na experiência do primeiro autor de formar-se palhaço hospitalar e psicólogo clínico, o presente trabalho se propõe a compreender as relações entre essas duas dimensões sociais. Para tal, foi elaborado um conjunto de descrições teóricas que, aproximadas, deram visibilidade às conexões entre ser palhaço e ser psicólogo que se orienta pelo movimento construcionista social. Essas descrições resgatam os contextos históricos nos quais, tanto a palhaçaria quanto o construcionismo social se inserem. Após a contextualização histórica, é enfatizada a formação de ambos, com ênfase nas posturas que adotam diante das relações. Ademais, foram incluídos na análise trechos dos diários de bordo do percurso de formação do primeiro autor enquanto palhaço que atua no hospital. No diálogo estabelecido, as interseções encontradas enfatizam numa visão construcionista do palhaço, que ambos apresentam, na interação com o outro: uma postura curiosa e investigativa; são abertos aos significados compartilhados; mantêm o foco do encontro conversacional para a potência e manifestam interesse genuíno pelas narrativas alternativas.

*Palavras-chave: Palhaço; Psicólogo; Construcionismo Social*

### ABSTRACT

#### Approaches from constructionist Psychology to Clown art

Based on the experience of the first author to graduate as hospital clown and clinical psychologist, the present work aims to understand the relations between these two social dimensions. To this purpose, a set of theoretical descriptions was elaborated that approximated, gave visibility to the connections between being a clown and being a psychologist, which is oriented by the social constructionist movement. These descriptions rescue the historical contexts which, both clowning and social constructionism are inserted. After the historical contextualization, the formation of both is emphasizes with focus on the postures they adopt before the relations. Moreover, excerpts from the journals of the first authors training course as a clown who works in the hospital were included in the analysis. In the established dialogue, the intersections found emphasize in a constructionist view of the clown, that both present in the interaction with the other: a curious and investigative posture; they are open to shared meanings; they keep the focus of the conversational encounter for power; and manifest genuine interest in alternative narratives.

*Keywords: Clown; Psychologist; Social Constructionism.*

### Sobre os Autores

A. L. S.  
<http://orcid.org/0000-0002-2173-5159>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – Minas Gerais  
[lemosandrepsi@gmail.com](mailto:lemosandrepsi@gmail.com)

P. C. M. R.  
<http://orcid.org/0000-0002-3752-2748>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – Minas Gerais  
[pcmrezende@ufu.br](mailto:pcmrezende@ufu.br)

### Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



*A expressão reta não sonha.  
Não use o traço acostumado.  
A força de um artista vem das suas derrotas.  
Só a alma atormentada pode trazer para a voz  
um  
formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação  
transvê.  
É preciso transver o mundo.  
Isto seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso desformar o mundo:  
Tirar da natureza as naturalidades.  
Fazer cavalo verde, por exemplo.  
(Barros, 2016)*

O exercício da arte da palhaçaria e, porque não dizer, da arte da psicologia, apresenta-se acompanhado do convite para a abertura às experimentações de “transver o mundo”. Apoiado na experiência do primeiro autor de formar-se concomitantemente palhaço e psicólogo construcionista social este trabalho tem por objetivo compreender as conexões entre estes dois modos de se posicionar no jogo interativo com o outro a partir de uma leitura construcionista da arte do palhaço. Para além da experiência concreta do primeiro autor, a escrita do trabalho se apresenta como algo relevante por abordar um tema com poucas publicações científicas, tanto para os estudos construcionistas, quanto pela escassez de pesquisas na área da palhaçaria que apontam para essa intercessão.

Gergen e Gergen (2012) apostam na potência de um trabalho interdisciplinar que aproxime saberes de comunidades linguísticas distintas, o que traz diversidade para a produção de sentidos. Os autores afirmam que o contato entre arte e ciência maximizam as possibilidades de ação criativas sobre o mundo, o que, para eles, seria o principal objetivo das ciências na mediada em que transforma e faz emergir novas possibilidades de investigação e apreciação. Para Spink (1999), dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade. A arte e a ciência são linguagens que possibilitam que esses sentidos se ampliem. Assim, neste trabalho apresentamos algumas interpretações que fazemos a partir desse contato multidisciplinar.

Para o desenvolvimento do texto, inicialmente, apresentaremos considerações sobre o palhaço, seus cenários e entornos, e em seguida, as contribuições do discurso Construcionista Social para a formação do psicólogo.

Feito isso, o trabalho explicita o percurso metodológico utilizado para a realização da análise e em seguida apresenta dois quadros, sendo o primeiro com características e posturas de um palhaço construcionista e o segundo com características e posturas de um psicólogo construcionista palhaço. Após apresentação desse quadro, o texto analisa com base em relatos do autor principal, as possibilidades narrativas criadas.

## **O PROCESSO DE SER/ESTAR PALHAÇO**

Historicamente sempre existiram figuras cômicas e, dentre elas, a que mais se destaca é a do palhaço ou clown. A palavra “clown” vem do inglês e traz uma significação ligada ao termo clod que, traduzido, quer dizer caipira, camponês, bruto. Já a expressão “palhaço” tem raízes no italiano paglia, que significa palha. Eram chamados assim porque suas roupas eram feitas de tecido dos colchões e estes, por sua vez, eram recheados de palha. Independentemente de como são chamados, palhaço e clown, se referem à mesma essência cômica e têm origens e espaços extremamente diversificados ao longo da história (Wuo, 2011).

Dentre os vários tipos ou figuras cômicas que influenciam os palhaços como conhecemos hoje pode ser citado os arlequins, bufões e o heyoka. Os dois primeiros normalmente ocupavam os palácios da idade média com a função alegrar os grandes ditadores e reis e até mesmo influenciavam o modo como os imperadores pensavam sobre determinados temas por meio de sátiras e piadas que continham alguma mensagem. O heyoka era tido na cultura indígena norte-americana como um ser respeitado pelos seus poderes de cura, mas também por apresentar-se brincalhão e transgressor, relativizando regras e normas que, segundo ele, não deveriam ser levadas tão a sério. Normalmente esses seres eram conhecidos pela sua aparência grotesca e caracterizados pela sua comichidade, mas também pela criticidade e habilidade em transformar o cotidiano (Castro, 2005).

A estética dos palhaços que conhecemos hoje, com nariz vermelho e roupas características, advém da cultura circense e também dos clowns do teatro. No circo, a palhaçaria era uma arte passada de geração a geração, por meio do treino físico e de técnicas transmitidas oralmente. No teatro, artistas como Jaques Lecoq, Marcel Marceau e Luiz Otávio Burnier desenvolveram uma metodologia para a formação do palhaço propondo a descoberta do seu próprio clown a partir da caricaturação de si mesmo e de seus fracassos. Os estudos desses artistas possi-

bilitaram o desenvolvimento de técnicas teatrais a partir do estudo da comicidade e desenvolveram metodologias que pudessem ser aplicada na formação e treinamentos para palhaços (Castro, 2005).

Para Wu (2005), o processo de se tornar palhaço envolve um treinamento corporal que convida à (des)formar-se. A autora alerta que, esta “desformação” envolve desprendimento do modo habitual de ser e estar no mundo e também dos padrões sociais e valores pré-estabelecidos. É um artifício particular do indivíduo que se dá por meio de experimentações do corpo, buscando relacionar-se com as pessoas propondo jogos, brincadeiras, esquetes e piadas que possam estabelecer algum tipo de contato que gere riso e provoque transformação do que está dado.

Para Burnier (2002), o palhaço expõe a estupidez do ser humano quando relativiza normas e verdades sociais. Sua maquiagem e vestimenta convidam o espectador a questionar os padrões de vida ideal e institucional expondo nossas fraquezas e contradições. Devido a esse processo de ridicularização de si, a construção do próprio palhaço a partir da (de)formação dos conceitos tidos como verdade, pode ser dolorosa e conflituosa, pois convida a novas possibilidades de ser que talvez sejam desconhecidas desse sujeito.

Por meio de um modo particular pelo qual enxerga a realidade à sua volta os palhaços ocupam diversos espaços. Dentre eles, escolho ressaltar aqui o papel do palhaço no ambiente hospitalar, área em que o autor principal deste artigo atuou. Neste espaço o palhaço busca transformar a relação entre a arte e a saúde a partir da criação de possibilidades alternativas para lidar com o cotidiano através do contato com pacientes e profissionais da área hospitalar.

Masetti (2005) afirma que essa forma própria, que escapa ao modo linear de enxergar a vida e as relações permite que novos pontos de vista sejam criados. Assim, apesar da aspereza e a seriedade do cotidiano hospitalar, a presença do palhaço permite que o erro, o ridículo o absurdo, e também o cômico e escrachado, tenham seu momento dentro do hospital. Com o foco no que acontece no presente, e concentrado nas possibilidades de modificação do cotidiano sisudo para algo lúdico, o palhaço faz com que “o carrinho das refeições dos hospitais pode se transformar em um trem, devido a seu barulho; e o posto da enfermagem pode virar um balcão de pizzaria” (Masetti, 2005, p. 6).

O processo de formação e os tipos cômicos assumi-

dos pelo palhaço fundamentam uma maneira própria que visa o despertar da comicidade que relativiza padrões e normas sociais. Esse modo questionador, transgressor e distinto de se posicionar se mantém ao longo da história e resiste às mudanças sociais e ambientes distintos (Castro, 2005). Essa transitoriedade por tantos espaços e sentidos diferentes — dores e alegrias, cores e cinzas, cheiros e sons, sabores e sentimentos — convida nosso olhar a identificar o palhaço como sujeito que dialoga com a pós-modernidade e movimentos que se aproximam deste termo, como o construcionismo social que emerge num cenário de incertezas e rompimentos com as tradições e paradigmas e se interessa em refletir sobre os caminhos que se abrem e se fecham de acordo com as nossas descrições de mundo (Spink & Frezza, 2013).

Apontando contradições e refletindo sobre o fazer da ciência, Gergen (2009) refere que o construcionismo atua como crítica social convidando-nos a questionar as bases objetivas dos conhecimentos convencionais. Assim, o construcionismo tem se aproximado também do campo das artes. Gergen e Gergen (2012), afirmam que a arte e a performance são modos de produzir conhecimento e defendem, inclusive, o rompimento total com a dualidade entre arte e ciência.

Para Gatti (2005), a pós-modernidade representa não somente o momento histórico, mas o crescimento de um novo paradigma em que se rompe com as formas de existir convencionais, fazendo-se necessário a consideração da heterogeneidade, das diferenças e desigualdades. Este movimento revela uma crise nas formas de produção de conhecimento e propõe distintas discussões que buscam, antes de oferecer posições e respostas consolidadas, trazer questionamentos e reflexões acerca de dos caminhos e possibilidades.

## **CONSTRUCIONISMO SOCIAL — UM MOVIMENTO E SUAS DIVERSAS INFLUÊNCIAS**

Souza (2014) chama atenção para os cuidados que se deve ter ao tentar definir o que é Construcionismo Social. Esta cautela se deve ao fato de não se configurar como uma abordagem, mas sim como um movimento. Caracterizá-lo como objeto em transformação, salienta a característica mutável, fluida e diversa desse campo do conhecimento que privilegia a construção do saber a partir das relações cotidianas enfatizando o contexto social e histórico em que estão inseridas. Assim, nesse discurso não existe verdade absoluta. Concebe-se que o conhecimento do que é verdadeiro só pode ser legitima-

do se alguma comunidade o considera como tal. Portanto, a partir dessa forma de ver o mundo as teorias só se sustentam no espaço, tempo e a partir do olhar de quem constrói determinado conhecimento.

Sobre os alicerces desse movimento Spink e Frezza (2013) afirmam que o construcionismo tem origens a partir de três perspectivas interdependentes tendo bases na filosofia – como reação ao representacionismo: na sociologia – questionando os conceitos de verdade, e na política – como busca do empowerment dos grupos marginalizados. Guanaes (2014) ressalta como pressupostos desse movimento: sua centralidade na construção e uso da linguagem; os relacionamentos humanos como primordiais na produção e sustentação de conceitos; a importância dos processos históricos e culturais que influenciam na forma de descrever os objetos e nossas relações; e a construção do conhecimento de mundo e de nós mesmos como algo desprovido de neutralidade, e valoriza uma postura crítica e reflexiva.

Gergen (2009) refere que o construcionismo atua como crítica social, convidando-nos a questionar as bases objetivas dos conhecimentos convencionais. O autor questiona as pesquisas que se baseiam em critérios objetivos para identificar comportamentos, eventos, entidades que são circunscritos pela cultura e contexto. Afirma a força da história e das relações na composição do conhecimento, sendo este considerado um processo ativo e cooperativo de pessoas e seu envolvimento interpessoal, ressaltando a importância de pesquisas alternativas ao modo empirista e dualista que separa sujeito e objeto. Nas palavras do autor:

Este movimento inicia-se efetivamente quando se questiona o conceito de conhecimento como representação mental (...). Sob esta perspectiva, o conhecimento não é algo que as pessoas possuem em algum lugar dentro da cabeça, mas sim algo que as pessoas fazem juntas. As linguagens são essencialmente atividades compartilhadas (Gergen, 2009, p. 310).

A construção do conhecimento, portanto, é mediada pela linguagem que é descrita por Moscheta (2014) como um jogo, ao afirmar que os conceitos que dispomos determinam a nossa possibilidade de apreensão do mundo. Nesse sentido, a linguagem exerce um papel importante de possibilitar a construção dos nossos modos de viver a partir dos sentidos e significados que são geridos na relação. Nessa concepção indaga-se: como a linguagem tem contribuído para criar formas de vida que são valorizadas em detrimento de outras? Quais as possibilidades que se

abrem e se fecham de acordo com nossas descrições? Quem se beneficia? Fazer essas perguntas delinea uma prática científica que abre mão de ser neutra, imparcial e pragmática para ser processual, crítica, contextual e que busca dar voz ao seu autor.

Segundo Nogueira (2001), para os autores do construcionismo, a construção do conhecimento se dá pelo uso da linguagem que, por sua vez, também é uma forma de agir sobre o mundo. Para os autores as compreensões que temos do mundo são “negociadas” em suas formas e construções mediadas pelas palavras. Nesse sentido, o uso das narrativas são performances que utilizamos para atuar sobre o mundo e para construir sentidos nas relações a partir dos códigos compartilhados que estão em constante mudança variando seus significados conforme o contexto.

A partir desses entendimentos, diferentes práticas são engendradas apoiando-se no pensamento construcionista. Dentre inúmeros contextos de intervenção e pesquisa o campo da atuação clínica, individual ou grupal, tem sido estudado e os psicólogos conectados com as ideias do construcionismo apontam caminhos e recursos que podem ser úteis e inovadores neste campo.

## UM PSICÓLOGO SENSÍVEL A ESSE MOVIMENTO

Apesar de o construcionismo não se caracterizar como uma teoria psicológica, (como já explicitado anteriormente), muitos psicólogos se inspiram no discurso construcionista para propor certos modos do fazer terapêutico. Coerentes com o pensamento construcionista Anderson e Goolishian (1998) propõem uma postura de “não saber”, referindo à busca em suspender, aberta e espontaneamente, os conhecimentos prévios de um psicólogo sobre o cliente, suas histórias e contextos, abrindo espaço para que a voz do cliente possa ser ouvida e seu conhecimento fique em primeiro plano.

Para além da voz do cliente, Hoffman (1998) também enfatiza a importância de adotar, durante as conversas com os clientes, uma postura reflexiva e atenta aos diálogos internos do próprio psicólogo. Tal proposta implica na experiência de uma postura qualificada de escuta, que permita ao profissional dar atenção às narrativas que convergem em seus pensamentos enquanto conversa com outra pessoa. Ressalta a importância da fluidez dos diálogos e a intercessão dos mesmos nos processos internos daquele que reflete.

Almeja-se que, em um atendimento de grupo ou família, as vozes possam ter igual espaço de manifestação. Japur e Ruffino (2014) comentam sobre a busca pelo equilíbrio dos espaços de fala convidando os participantes a acreditarem em si e na relação do grupo, sendo ativos e corresponsáveis nos próprios processos de desenvolvimento. Procura-se, portanto, a adoção de uma postura inclusiva, que intenciona fazer com que os participantes se coloquem como proativos em relação aos seus próprios aprendizados e que caminhem, de uma posição de submissão, para uma postura de empoderamento. Em uma conversa individual, o psicólogo busca ser inclusivo, na medida em que são valorizadas vozes e falas de pessoas que colaboram para construir determinados pensamentos e reflexões dos clientes, tomando-as como recursos criativos que auxiliem no processo de diálogo.

Cooperrider e Whitney (2005) fundamentam a ideia de uma investigação apreciativa, referindo-se à busca do que há de melhor nas pessoas. Esse olhar se propõe a afirmar os potenciais das ações realizadas pelos clientes. Ressaltam também o ato de procura, descoberta e abertura para enxergar as forças e potencialidades do outro.

Inspiradas nessas proposições, em um contexto de formação de profissionais sensíveis ao construcionismo social, Japur e Ruffino (2014) adotam uma postura apreciativa que convida a focar o olhar e a escuta, nos recursos de cada um, com o objetivo de valorizar as vozes e o reconhecimento dos saberes e ações. Isso possibilita colaboração e corresponsabilidade para o desenvolvimento de um processo de aprendizagem cooperativo e múltiplo.

Esses pressupostos e posturas orientam diversas formas de atuação e produzem uma variedade de recursos e práticas que priorizam o diálogo, as múltiplas narrativas, os diferentes significados linguísticos e a participação ativa do cliente em seu processo de desenvolvimento. O diálogo com esse movimento tem orientado nossa atuação prática, tanto no atendimento clínico de crianças, adultos e adolescentes, como na atuação do primeiro autor enquanto palhaço no hospital. Com o objetivo de compreender as relações entre essas duas construções, buscamos fazer convergir aproximações entre as posturas e linguagem do palhaço, com algumas posturas que o movimento construcionista defende enquanto prática reflexiva, ética e política nas relações. É importante ressaltar que este estudo faz apenas primeiras aproximações entre esses dois discursos, que podem ser, ao mesmo tempo, ilustrativas da riqueza dessa relação, bem como inspiradoras de novas práticas e análises futuras.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Para analisar as interseções entre a palhaçaria e a prática do psicólogo construcionista, realizamos primeiramente um levantamento, não sistemático, das principais referências de ambos os temas em livros, capítulos de livros, dissertações, teses e artigos publicados em português. Tendo em vista que não há referências que façam essa aproximação, a escolha dos textos se deu, no caso do construcionismo, a partir do seu autor principal, Kenneth J. Gergen, e de autores que, de alguma maneira, fizessem a interlocução entre o movimento construcionista e a psicologia ou apontassem para posturas que auxiliem este profissional numa prática inspirada no construcionismo. Foram excluídos aqueles que julgamos que não colaboravam com a construção de características que pudessem ser interpostas com a dimensão da experiência do primeiro autor com a sua atuação enquanto palhaço. Com a palhaçaria, utilizamos textos que apresentassem uma dimensão histórica sobre o palhaço e suas referências e, baseados nesse aspecto contextual, apresentamos os escritos que apontassem para a formação do palhaço que atua no hospital. Também foi levada em consideração a atualidade dos textos e o seu peso para as teorias referidas para compor um conjunto de descrições que, aproximadas, pudessem dar visibilidade às conexões entre ser palhaço e ser psicólogo. Nosso interesse é constituir pontos que convirjam no sentido de gerar descrições que componham narrativas sobre ambos os modos de se posicionar no jogo interativo com o outro.

Com a finalidade de compor um quadro sobre “ser palhaço”, iniciamos a investigação pelas seguintes obras: “O Elogio da Bobagem”, de Alice Viveiro de Castro (2005) e pelo livro “O Clown Visitador”, de Ana Elvira Wu (2011). A leitura atenta desses livros indicou novas referências que, em nossa avaliação, contribuiriam na fomentação dos descritores. Foram então incorporados os estudos de Dorneles (2003), Ferreira (2013), Burnier (2002) e Ferracini (2006).

O conjunto de descritores relativos à condição de “ser psicólogo” teve como disparador inicial o texto “O movimento do construcionismo social na psicologia” de Kenneth J. Gergen (2009), por ser um texto que relaciona o movimento construcionista com a psicologia abrindo campo para que outros teóricos dessa área pensem sobre as possíveis aplicações neste campo. A partir deste estudo foram agregados os artigos de Rasera e Japur (2001), Guanaes e Japur (2003), Anderson e Goolishian (1998), Grandesso (2000), e o livro “Mapas da Prática Nar-

rativa” de Michael White (2012).

Para chegar aos objetivos deste trabalho também nos apoiamos na experiência do primeiro autor em formar-se palhaço através de um projeto de extensão da Universidade. O grupo tem como proposta realizar semanalmente visitas aos pacientes do Hospital de Clínicas da Universidade onde os palhaços percorrem diversos setores, ocupando espaços que vão desde o setor de limpeza à UTI infantil, com o intuito de levar a arte do palhaço a este ambiente. O projeto “Pediatrias do riso” é contemplado com apoio da diretoria de extensão da universidade e coordenado pelo curso de teatro contando com uma trajetória de mais de 17 anos. O primeiro autor desta publicação participou como bolsista do projeto por cerca de dois anos, atuando tanto como psicólogo do grupo (mediando conversas e colaborando para a construção de relatos) quanto como palhaço visitador no hospital de clínicas da universidade. O processo de formação em palhaço se deu por meio de oficinas de iniciação com participantes do grupo e foi aprofundado na disciplina de Iniciação ao clown, ministrada no curso de teatro pela coordenadora do projeto, Ana Elvira Wu. Por essas e outras experiên-

cias, constituiu-se Onório a versão palhaço do autor em questão.

Gergen e Gergen (2010) afirmam que, ao não se comprometer em buscar a verdade, o construcionismo estimula uma incessante criação de possibilidades para o surgimento de novos significados, tal teoria aposta no diálogo constante e aberto com as diversas vozes e conhecimentos.

Este estudo confirma as ideias dos autores supracitados e revela que a utilização da arte como um recurso para o diálogo com o construcionismo social, impulsiona novas formas de entendimento sobre as posturas de um psicólogo, assim como pode possibilitar reflexões sobre a atuação do palhaço. A leitura das referências bibliográficas foi guiada pela busca de características da atuação de cada dimensão estudada. Por exemplo, ao ler sobre o palhaço realizamos uma lista com algumas definições relativas ao seu modo de atuar, de pensar, posturas e objetivos de atuação no jogo relacional, e fizemos a mesma lista em relação ao psicólogo, como mostram os quadros a seguir.

#### Quadro 1: *características e posturas do palhaço*

**É um mestre em comicidade** - Dorneles (2003) afirma que, através da comicidade, o palhaço mexe com as contradições existentes em nós, fazendo oscilar nossos sentimentos, expondo ao mesmo tempo seu lado ridículo e poético, provocando tanto repulsa quanto afago.

**Brinca com o real e o fictício** - O palhaço permite que a imaginação ganhe espaço, modificando a realidade, dando lugar para que se fale metaforicamente de assuntos diversos, como: medo, inveja, raiva, intolerância, desprezo e até mesmo grandes conflitos (Dorneles, 2003).

**Possibilita jogar com o outro** - Para Ferracini (2006), o palhaço gera uma zona de turbulência, ou poderíamos chamar, também, de zona de jogo, que favorece atualização da relação poética entre palhaço e público, criando um ambiente aberto e potente para o brincar.

**Está em contato com a transitoriedade e diversidade** - Segundo Ferreira (2013), o palhaço atua na potência do caos, uma vez que lembramos que essa figura cômica só existe em relação com o mundo a sua volta, em dinâmicas de afetar e ser afetado.

**É conectado com o que lhe rodeia e traz possibilidade de transitar por fluxos de afetos e intensidades experimentadas na multiplicidade das relações** - O palhaço caracteriza-se como um ser sensível aos estímulos e que busca responder a eles de maneira congruente com seus afetos (Ferreira, 2013).

**O artista palhaço só existe junto ao público** - “A técnica de clown pressupõe relação com o outro, o público, um objeto, uma flor, um pássaro, uma parede. O clown não é para si e só existe para ser nos outros” (Wu, 2016, p. 23).

**Cria espaços para expor a “estupidez do ser humano”** - Isso, por sua vez, abre possibilidade para a relativização de normas e verdades sociais questionando burocracias, governos e sistemas econômicos (Burnier, 2002).

Quadro 2: *características e posturas do psicólogo construcionista*

**Foca a atenção nas particularidades das histórias** - O psicólogo se preocupa em entender as maneiras pelas quais as pessoas se constroem nos relacionamentos e nos significados que orientam sua vida, buscando compreender o indivíduo a partir dos significados trazidos por mais que algumas noções pareçam fixas (Rasera & Japur, 2001).

**Adota uma postura de “curiosidade genuína” e de “não saber”** - Nessa perspectiva dialógica, na tentativa de entender o cliente, deve-se supor que ele tem algo a dizer, e que este algo tem um sentido narrativo que afirma sua própria verdade, dentro do contexto de sua história. Assim, o processo é construído em coautoria com o cliente, sem que os conhecimentos e teorias previamente adotadas pelo psicólogo tenham relevância na conversa. O profissional está interessado nas implicações que as atitudes geram na relação, se colocando curioso e disponível para a novidade (Anderson & Goolishian, 1998).

**Deve estar atento aos acontecimentos singulares** - Segundo White (2012), o psicólogo construcionista deve dar atenção aos fatos e conversas alternativas às narrativas “saturadas” dos problemas que acabam gerando a possibilidade de reconstruir sua história sob uma nova perspectiva.

**Busca ajudar os pacientes a encontrar novas formas de significar acontecimentos e problemas** - Conforme White (2012), o construcionista explora as narrativas dadas pelo cliente, “para que isso propicie uma base para uma conversação em que as pessoas tenham a oportunidade de identificar e desenvolver ainda outros relatos do que pretendem e aquilo que valorizam” (White, 2012, p. 256).

Após a execução da etapa de identificação das descrições, sobre o palhaço e o psicólogo, iniciou-se a leitura dos diários de bordo produzidos, nos últimos três anos, pelo primeiro autor deste trabalho, em seu processo de formação em palhaçaria, em especial a que circula no contexto hospitalar. Foram escolhidos pequenos trechos que dão visibilidade aos acontecimentos e reflexões que o autor vivenciou na tessitura de se tornar um palhaço e um psicólogo.

Portanto, a análise deste trabalho foi constituída a partir desses dois substratos: a identificação de descritores que apresentam pontos de interseção entre palhaço e psicólogo e os trechos escolhidos dos diários de bordo. A partir do pareamento e avaliação dos quadros, constituímos um corpo de análise que se materializa no que há de comum entre essas duas dimensões sociais. A narrativa do autor, recuperada dos diários e distribuída livremente ao longo do texto, dá força ao contorno da interseção produzida entre as posturas dos sujeitos em questão e que foram nomeadas e descritas a fim de sinalizar esses encontros.

Transformação das narrativas de vida – a palhaçaria como acontecimento singular

O Trecho que se segue descreve o início de um dia de

visitas no hospital onde os palhaços caminham enquanto refletem sobre o que há de disponível para poderem jogar.

Fomos nós. Perguntando ao chão, ao teto, às pessoas, aos outros palhaços, e a nós mesmos “o que tem de novo aí?” nesse hospital que já tanto caminhamos e conhecemos tantos detalhes, placas, avisos... (Relato nº2 18/09/2015).

White (2012) refere que, por mais que a vida seja rica em experiências, nem sempre temos oportunidade de dar sentido a todas elas. Nesse ponto, alguns acontecimentos e fatos podem acabar “negligenciados” nas narrativas sobre nós. Diante disso, é função do profissional dar luz aos “acontecimentos singulares” e “exceções” que passam despercebidas no nosso dia a dia, mas que têm valor para transformar a maneira como contamos sobre nós com a finalidade de ampliar as possibilidades de criação de histórias alternativas.

O palhaço também tem por ofício a habilidade e a necessidade de buscar o que é novo. Seu desinteresse pelo o que é comum, rígido e estável provoca a ampliação de seu olhar para o inusitado. As interrogações produzidas por Onório ao adentrar no “Hospital de sempre” invocam a novidade! Que sempre há de aparecer. Perguntar ao teto e ao chão daquele estabelecimento estéril e esterilizado

pode ser um exercício útil para o deslocamento do olhar.

Nesse sentido, quando esse artista de nariz vermelho se propõe a entrar no hospital e visitar uma criança ou adulto, ele mesmo se torna um “acontecimento singular”, pois se apresenta como “inadequado” ao ambiente em que é naturalizada a presença de profissionais da saúde, e não de artistas. Assim, oferece a possibilidade de que a narrativa dominante (hospital = lugar de saúde e seriedade) possa se abrir para um acontecimento alternativo sendo: hospital = lugar de arte, comicidade e, por que não dizer, arte e saúde?

### **O PALHAÇO PERGUNTADOR E A POSTURA REFLEXIVA E DE NÃO SABER — CRIANDO ESPAÇOS CONVERSACIONAIS**

Ultimamente, muito tenho refletido sobre o ato de “perguntar”. Para mim, a pergunta reflete vários posicionamentos em relação ao mundo, dentre eles, destaco duas: a pergunta como curiosidade/investigação e a pergunta como ato de não saber. O palhaço, claramente, me coloca diante de ambos. Como sujeito curioso e, de certa forma, ingênuo em relação ao mundo racional onde as coisas estão naturalizadas e conformadas ao jeito “certo”, funcional, normal e óbvio de ser, permanecer e estar no mundo, o palhaço subverte através do perguntar. E como o clown faz isso? Sinto que através da técnica da “triangulação”, o clown vai perguntando ao público, a si mesmo e a sua dupla, o que tem de fazer. Para onde ir? Que significado tem isso ou aquilo? Que sentimentos isso me provoca? Como contar isso ao público e à minha dupla de forma clara e precisa? (Relato nº2 18/09/2015)

Inspirado por uma visita do palhaço ao hospital, o relato conta a forma como o palhaço procura, através da pergunta, compreender o que é colocado pelo público para responder de maneira criativa assumindo uma postura de não saber, reflexiva e de curiosidade. Anderson e Goolishian (1998) afirmam que desenvolver uma atitude de “não saber” implica em abrir-se para o mundo de sentidos do outro. Assim como para o palhaço, também é importante para o psicólogo aguçar sua curiosidade, aprendendo a confiar nas explicações dadas pelo seu interlocutor e sendo movido a explorar os sentidos das narrativas utilizadas pelo mesmo.

Interessado no improvisado e na abertura para as diversas possibilidades de conversa o palhaço se apresenta

como alguém que não sabe sobre o mundo do outro antes que ele se abra para dialogar e narrar sobre si. Seu desprendimento da lógica racional permite que ele tome como real tudo que possa se transformar em possibilidade de jogo, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de um relacionamento único. Por meio de sua própria forma de pensar, inverte hierarquias (médico, paciente, palhaço) questionando as noções de poder e fazendo de suas fraquezas sua maior força. Essa zona relacional dá possibilidade para o palhaço ser múltiplo e flexível, atuando de maneiras diferentes dependendo do contexto.

### **PSICÓLOGO E PALHAÇO COMO ESPECIALISTAS DO PROCESSO: A POTÊNCIA DA INCLUSÃO E DA APRECIÇÃO NO DIÁLOGO COM OUTRO.**

Através dos pinceis mágicos que se estendiam das extremidades do corpo dos palhaços, [informação suprimida para não identificar os autores]3e sua companheira se prontificaram a desenhar naquele quarto quente uma praia. Fomos perguntando, portanto, como as crianças e seus acompanhantes gostariam que fosse aquela praia, o que teria nela? Quando não respondiam, usávamos dos superpoderes da palhaça para ler olhares e mentes e traduzir para mim, através do olhar, o que deveríamos desenhar. A turma foi entrando no jogo e nossos corpos pulavam de um lado para o outro na busca de desenhar todos os pedidos... Coqueiro, areia, mar, rio, rio com água, conchas, tubarão e toda espécie de animais marinhos existentes, ou não, mas vivos na imaginação das crianças. (Relato nº2 18/09/2015).

Nesse trecho, merece destaque a forma como o palhaço procura não desenhar uma praia que parta da própria imaginação, mas privilegia que a mesma seja construída por todos do quarto, afinal, quem iria ficar na praia eram os pacientes. Com essa afirmativa, pode-se compreender que o palhaço adota uma postura inclusiva (Jappur & Rufino 2014), procurando dar voz e oportunidade a todos. Também merece atenção a forma com que as crianças foram colocando os elementos, em especial o “rio com água” e o “rio, sem água”. Nesse momento, alguém poderia pensar — mas não existe rio sem água — no entanto, não é isso que importa aqui. Se para a criança nossos pinceis imaginários construíram um rio sem água, então, aceitamos como real que um rio possa existir enquanto rio, mesmo que não tenha água. A autora do desenho é

ela e não os palhaços, os mesmos são responsáveis apenas pelo processo, mas o conteúdo (o desenho imaginário) pertence à criança que o criou.

Ao focar no que há de potência, o psicólogo adota uma postura apreciativa, apostando na busca do diálogo com o que há de saudável para além dos discursos patologizantes e dicotômicos. Da mesma forma, o palhaço apresenta um olhar generoso e cuidadoso para com o próximo (em especial no hospital), buscando dialogar com o potencial de cada um como possibilidade de gerar brincadeiras e comicidade por mais debilitado que um paciente esteja.

## A POSSIBILIDADE DE RENOVAÇÃO DOS SENTIDOS NA ARTE DA PALHAÇARIA E NA PSICOLOGIA CONSTRUCIONISTA

Neste quarto estava ocorrendo um procedimento de “auscultar o coração” com outra criança que aparentava ter uns três anos... Perceptivos ao que estava acontecendo, os palhaços começaram a brincar com o significado de “escutar o coração”, ao invés de auscultar. Difícil escutar o coração, né? Quem tem escutado o coração? Ei mãe, quem manda é o coração? O coração sabe das coisas? – perguntavam os palhaços uns para os outros e para a plateia. A mãe que estava com o bebê diz que o dela não é muito bom não, não soube nem escolher o pai de sua filha, fala olhando para a criança. Achei muito interessante esse momento e percebi que, se tivéssemos continuado nesse assunto, ela poderia até mesmo contar sua história, de alguma maneira sinto que ela estava à vontade para falar disso com os palhaços. Nesse exato momento, entrou uma funcionária do hospital avisando que teria que mudar o quarto da paciente que estava conversando conosco, porque aquele estava com problema de oxigênio. Imediatamente, prendo a respiração e mando que as outras palhaças façam o mesmo... “Olha, ele está ficando roxo”, diziam os pacientes preocupados e sem entender. Então, pedimos desculpas por estar roubando o oxigênio e que, para que ela não tenha que trocar de quarto, a gente ia parar de respirar pra sobrar mais ar e ela não ter esse incômodo. Todos caem na gargalhada e começam a ficar com medo de que, ao segurar a respiração, o ar acabe saindo por outras partes. (Relato nº3 10/10/2016)

Nesse trecho, é perceptível a capacidade do palhaço de “transformar realidades” e de transformar/abrir a possibilidade para que novos significados e acontecimentos cotidianos assumam outros sentidos e formatos. O pa-

lhaço brinca com o uso da linguagem e acaba afirmando que os significados não estão nas coisas em si, mas no sentido que damos relacionalmente a elas. O sentido será atravessado pelo contexto imediato e histórico, resultando no uso múltiplo de uma mesma palavra para criar ações diferentes e que apenas será mantido se mantivermos a utilização desses conceitos dentro desse contexto e com as pessoas que dele partilham. Para o construcionismo, é a partir da construção de novos sentidos para as palavras e ações que criamos nossas verdades.

Grandesso (2000) refere que dentro do contexto terapêutico transformar os sentidos possibilita a emergência de narrativas que podem ajudar a organizar as experiências do presente, do passado e gerar possibilidade para outras histórias no futuro. Nesse sentido, é necessária a criação de um contexto conversacional que permita a reconstrução de significados. É recorrente para os palhaços estarem diante dessas possibilidades de diálogo e é surpreendente o quanto as pessoas conseguem se abrir e contar para os artistas seus segredos e sentimentos.

Palhaço e psicólogo estão interessados na diversidade das possibilidades que surgem no diálogo com o outro. Ambos acreditam em romper com as noções fixas que limitam a criação de modos alternativos de vida e, portanto, estão seriamente comprometidos com a arte de inventar e reinventar a cada dia maneiras de lidar com os problemas e situações que os rodeiam. Assumem posturas de respeito e colaboração com seu interlocutor, privilegiam o lugar das perguntas que geram novas possibilidades, em detrimento de repostas que enrijeçam, colaborando para o processo de desenvolvimento e aprendizado de maneiras de estar nas relações.

## PALAVRAS FINAIS

“Em minhas visitas ao hospital sempre me surpreendi com as histórias que eram contadas aos palhaços. Ouvi confissões, enxuguei lágrimas, recebi abraços apertados e sinceros, recebi aplausos, risos, mas também caretas e olhares de reprovação” (Relato nº3 10/10/2016).

Masetti (2005) aponta que o olhar do palhaço para com seu público resgata “a força do aqui e do agora” e está destituído de conceitos previamente estabelecidos, crenças e sentidos prévios. Assim, “o ofício do palhaço fala do esforço do homem de se entregar à única condição possível de existência: a da relação humana” (Masetti, 2005, p. 456).

O palhaço se propõe a ser um sujeito que preza pela simplicidade das coisas, foge dos padrões sociais, rompe com o certo e o errado, o feio e o bonito e escolhe a diversidade, se apropria do ridículo e se lança ao erro enquanto matéria-prima de seu trabalho. Ele procura valorizar os encontros como únicos, experienciar os detalhes e se atentar para o novo. Com o psicólogo não é diferente! Os construcionistas estão atentos ao uso que fazemos da linguagem para criar realidades e, assim, revolucionam o modo de estar diante do outro dentro do contexto conversacional chamando atenção para uma postura crítica, curiosa, apreciativa e dialógica, de não saber e aberta para as múltiplas possibilidades de significações da experiência.

Este estudo apontou para formas de entendimentos que surgiram a partir de uma experiência pessoal do primeiro autor, que somadas às temáticas estudadas, visaram contribuir para reflexões nesta seara. A partir da utilização de uma leitura sobre a arte do palhaço, apostamos nas possibilidades que se abrem ao aproximá-la dos aportes construcionistas. Por outro lado, também seria possível refletir sobre como essa performance artística poderia enriquecer os conhecimentos sobre construcionismo, esta é uma questão que poderá ser melhor abordada em outros trabalhos e esperamos que este artigo encoraje outros autores a se lançarem nesse desafio.

#### **DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:**

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

A.L.S. Contribuiu para investigação, revisão de literatura e escrita dos relatos e do corpo do texto.

P.C.M.R contribuiu para a orientação da escrita, assim como revisão da literatura e confecção do texto.

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE**

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

#### **REFERÊNCIAS**

- Anderson, H. & Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. Em McNamee S. & Ger4 ptp494gen K. (Eds), *A terapia como construção social* (pp. 34-49). Artes Médicas.
- Barros, M. (2016). *Livro sobre nada*. Alfaguara.
- Burnier, L. O. (2002). *A Arte de Ator: da Técnica à Representação*. Editora da Unicamp.
- Castro, A. V. (2005). *O Elogio da Bobagem*. Editora Família Bastos.
- Cooperrider, D. L., & Whitney, D. (2005). *Appreciative inquiry: A positive revolution in change*. Berrett-Koehler Publishers.
- Dorneles, J. (2003). Clown, o avesso de si: uma análise do clownesco na pós-modernidade [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. *Lume Repositório Digital*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2370>
- Ferracini, R. (2006). As setas longas do palhaço. *Revista Sala Preta*, 6(2006), 65-69. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v6i0p65-69>
- Ferreira, A. L. R. (2013). Palhaço e transgressão: percursos, atravessamentos e reflexões [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. Hórus. <http://hdl.handle.net/unirio/11229>
- Gatti, B. A. (2005). Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. *Cadernos de Pesquisa*, 35(126), 595-608. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000300004>
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. INTERthesis.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2010). Construcionismo social: um convite ao diálogo. Instituto Noos.
- Gergen, M. & Gergen, K. J. (2012). *Playing with purpose: Performative social science*. Left Coast Press.
- Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. Casa do Psicólogo.

- Guanaes, C., & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 135-143. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722003000200005>
- Guanaes, C. (2014). Construcionismo social: tensões e possibilidades de um movimento em permanente construção. Em C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (2014). *Construcionismo Social: Discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 325-340). Instituto Noos.
- Hoffman, L. (1998). Uma postura reflexiva para a terapia de família. Em Mcnamee, S., & Gergen, K. (Eds), *A terapia como construção social*. Artes Médicas.
- Japur, M. & Ruffino, C. M. C. (2014). Formação do mediador de conflitos numa perspectiva construcionista social. Em C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Eds), *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 325-340). Instituto Noos.
- Masetti, M. (2005). Doutores da ética da alegria. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 9(17), 453-458. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000200026>
- Moscheta, M. S. (2014). A pós-modernidade e o contexto para a emergência do discurso construcionista social. Em C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Eds), *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 23-47). Instituto Noos.
- Nogueira, C. (2001). *Feminismo e discurso do gênero na psicologia social*. *Psicologia & Sociedade*, 3(1), 107-128.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2001). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 431-439. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300005>
- Souza, L.V. (2014). Discurso construcionista social: uma apresentação possível. Em C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Eds), *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 49-72). Instituto Noos.
- Spink, M. J. P. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Cortez.
- Spink, M. J. & Frezza, R. M. (2013). *Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social*. Em Spink, M. J, *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Editora Cortez.
- White, M. (2012). *Mapas da prática narrativa*. Editora Parcartes.
- Wuo, A. E. (2005). Clown, Processo Criativo: rito de iniciação e passagem [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. *Repositório da Produção Científica da Unicamp*. [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321826/1/Wuo\\_AnaElvira\\_D.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321826/1/Wuo_AnaElvira_D.pdf)
- Wuo, A.E. (2016). Clown: "Desforma", Rito de Iniciação e Passagem. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Disponível em: [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321826/1/Wuo\\_AnaElvira\\_D.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321826/1/Wuo_AnaElvira_D.pdf)
- Wuo, A. E. (2011). *O Clown visitante: comicidade, arte e lazer para crianças hospitalizadas*. Edufu.

Data de submissão: 18/10/2017  
Primeira decisão editorial: 05/11/2018  
Aceite em 21/10/2019